

Formação de público para o cinema nacional e a potencialidade das salas independentes de cinema

MATEUS BRUM DE ARMAS¹; YADNI DA SILVA CABRAL²; CÍNTIA LANGIE³

¹*Graduando em Cinema e Audiovisual UFPel – mateus.armas@gmail.com*

²*Graduanda em Cinema e Audiovisual UFPel – yadni.svp@hotmail.com*

³*Professora do Curso de Cinema e Audiovisual UFPel – cintialangie@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O contato entre o cinema nacional e o público brasileiro é extremamente raso, de forma que, a maioria da população sequer tem conhecimento sobre a quantidade de longas e curtas metragens sendo produzidos no país. Por estimativa, acredita-se que, atualmente, o Brasil produz mais de 150 filmes de longa-metragem, dos quais, aproximadamente 100 a 120 conseguem estreiar em salas de cinema comerciais. Desses que chegam às salas, quatro ou cinco atingem a marca de um milhão de espectadores – número considerado sucesso de público no território nacional (SILVA, 2011). Por outro lado, não é raro presenciar um filme norte-americano ultrapassar um milhão de espectadores no Brasil, a trilogia “Jogos Vorazes” (Gary Ross, 2012) por exemplo, em seu terceiro filme titulado no Brasil como “A Esperança – Parte um” (Francis Lawrence, 2014) obteve uma bilheteria no Brasil de 1,3 milhões de espectadores apenas em um final de semana. Em 2014, o campeão no ranking foi o longa dirigido por Josh Boone: “A Culpa é Das Estrelas” (Josh Boone, 2014) com 6,2 milhões de espectadores, seguido por “Malévola” (Robert Stromberg, 2014) com 5,8 milhões. Analisando os dados apontados acima, é notável a disparidade do público em relação ao cinema brasileiro e ao cinema hollywoodiano, o problema é consequência de uma série de fatores, dentre eles está a extrema carência que o audiovisual brasileiro tem em relação à distribuição e exibição.

Muitos dos filmes brasileiros que entram nas salas de cinema, são distribuídos pela rede Globo Filmes, uma coprodutora de cinema brasileira integrante do Grupo Globo. Em 2013 a distribuidora era a responsável pelos 10 filmes nacionais com maior bilheteria nas salas de cinema do país, dentre eles “Minha Mãe é Uma Peça” (André Pellenz, 2012) com 4,6 milhões e “Meu Passado Me Condena” (Julia Rezende, 2013) com 3,1 milhões. Os filmes da distribuidora não costumam apresentar inovação em suas tramas, tendo quase como característica principal a extensiva repetição de clichês e reciclagem de ideias anteriormente usadas, tornando os filmes previsíveis e desinteressantes para certos grupos. No entanto, apesar da rede Globo Filmes não ser a única distribuidora brasileira, ela é uma das poucas que consegue atingir as salas de cinema em grande escala, ocasionando o fato de que quaisquer outros filmes que não sejam distribuídos por esta rede acabem não alcançando o grande público.

As consequências geradas por um público sem contato com a arte nacional, principalmente quando falamos de audiovisual, que é uma das ferramentas mais poderosas de influência e impacto em nossa sociedade, são devastadoras. Partindo do princípio de analisar cinema como instrumento pedagógico, transmissor de informações na contemporaneidade, imersos numa cultura da imagem, alguns desses aprendizados ocorrem com naturalidade. No entanto, assistir um filme, seja para entreter-se com ele, seja para analisá-lo, pressupõe aprendizagens específicas. Os filmes são produções em que a imagem em movimento, aliada as múltiplas técnicas de filmagem e montagem e ao próprio

processo de produção e ao elenco selecionado, cria um sistema de significações. São histórias que nos interpelam de um modo avassalador porque não dispensam o prazer, o sonho e a imaginação. Elas mexem com nosso inconsciente, embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção. Quando dizemos que o cinema cria um mundo ficcional, precisamos entendê-lo como uma forma de a realidade apresentar-se (PINTO, 1936). Em detrimento da exposição extrema a tantos filmes norte-americanos, o espectador acaba criando uma certa ideologia “romantizada” da cultura norte-americana, e na maioria das vezes esquecendo-se ou até desvalorizando a arte nacional, justamente por apenas ter contato com o mesmo tipo de filme norte-americano. Esse “complexo de vira-lata” torna-se preocupante a medida que o indivíduo menospreza a cultura nacional e vangloria uma cultura estrangeira, o que é um fato bastante infeliz em uma sociedade tão rica culturalmente como é o Brasil. As salas de cinema independente têm se apresentado como a melhor forma de se solucionar o problema, estreitando os muros entre público e cinema. Essas salas surgem a partir da necessidade de ter-se contato com filmes de difícil circulação por conta das estruturas fechadas de dominação do produto estrangeiro.

Em 2015, foi inaugurada na cidade de Pelotas o Cine UFPel: um espaço para exibição de filmes nacionais em sessões gratuitas, com o objetivo de formar espectadores e proporcionar a comunidade o acesso à cinematografias não hegemônicas. A programação da sala visa dar conta da pluralidade do cinema, de forma que não se aproxime de uma sala comercial, mas também que não sejam exibidos apenas filmes extremamente herméticos, já que o objetivo é a conexão com o público em geral e este, muitas vezes, não possui referencial para se relacionar com determinadas obras (LANGIE, 2015).

O artigo tem como objetivo analisar o atual contato entre produção e público nacional, além de observar os resultados que a sala autônoma da UFPel tem mostrado em relação à este problema.

2. METODOLOGIA

O Cine UFPel realiza uma série de ações, todas voltadas a exibição gratuita de cinema não comercial. O destaque são as sessões de quintas e sextas feiras às 19h, de filmes brasileiros contemporâneos. Além disso, quinzenalmente há sessões especiais para idosos do asilo, sessões para alunos da rede pública no turno da manhã, cineclubes e sessões para diversos cursos da UFPel. Semestralmente a sala expõe os trabalhos realizados pelos alunos dos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação. Recentemente foi realizada uma sessão de cinema acessível em parceria com o Banrisul, foi exibido um filme legendado, com libras e descrição de áudio, os espectadores receberam também uma venda para os olhos, tornando assim, possível se colocar na posição de um deficiente visual. A sessão comoveu bastante o público presente, e recebeu vários elogios deixando assim, a grande probabilidade de continuação do projeto. Além das sessões especiais, mostras de trabalho e exibição de filmes nacionais inéditos, o Cine UFPel também trouxe alguns cineastas para falarem de suas experiências e suas obras, dentre eles estão Rene Goya Filho, Alexandre Derlam, Beбето Alves, Filipe Matzembacher, Marcio Reolon, Jean-Claude Bernardet, Luiz Rosemberg Filho e a fundadora da Vitrine Filmes, Silvia Cruz que falou sobre a distribuição no cinema. Todos os contatos com profissionais atuantes no mercado, foram de extrema importância para os acadêmicos dos cursos de cinema, as mostras semestrais dos trabalhos também influenciam diretamente na formação dos mesmos, em relação a testes de público, saber se um filme

funcionou ou não com determinado público. É algo fundamental e que poucos cineastas, especialmente estudantes, tem contato com esse tipo de experiência que o Cine UFPel proporciona.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme brasileiro com maior bilheteria até hoje foi “Tropa de Elite 2” (José Padilha, 2010) também pertencente a Globo Filmes, com 11 milhões de espectadores. O grande sucesso do filme e a espantosa diferença de bilheteria entre “Tropa de Elite” e qualquer outro filme nacional, nos mostra a necessidade e interesse do público por ser representado na tela. O filme com temática social, aborda uma realidade muito mais próxima da maioria dos brasileiros do que os filmes de comédia sobre a classe média alta, além disso, o filme trouxe uma atmosfera diferente dos outros filmes distribuídos pela Globo Filmes. A produção contemporânea do cinema brasileiro reflete um contexto marcado pela multiplicidade cultural, pela globalização desenfreada e por uma complexidade maior da sociedade brasileira (SANTOS, 2011), existem muitos filmes em produção no Brasil, que, não conseguem chegar as grandes massas por problemas de viabilidade de distribuição, os poucos filmes que chegaram às salas de cinema, sem a distribuição da Globo Filmes, obtiveram uma excelente recepção do público em relação a quantidade de salas que foram distribuídos. O longa “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” (Daniel Ribeiro, 2014) por exemplo, que retrata a história de um deficiente visual que descobre sua homossexualidade estreou em apenas dezoito cidades do país em 33 salas de cinema, obteve um público maior que 33 mil espectadores, tornando-se o quinto filme mais visto da semana, três semanas depois a bilheteria do filme já tinha alcançado 167 mil espectadores. As salas de cinema independente têm funcionado como um grande conector entre os filmes não distribuídos pela Globo Filmes, e possibilitando ao público o acesso à filmes dos quais possam se identificar ou até mesmo apreciar um modelo diferente do que é produzido comercialmente. É uma ação de fuga do modelo cultural hegemônico, que pode operar alguma transformação, mesmo que seja microtransformação (LANGIE, 2015).

Em relação ao Cine UFPel, sala de cinema independente sendo analisada na pesquisa, em termos de inovação, possibilitou o contato direto da comunidade e dos alunos com cinema brasileiro, diretores, distribuidores e profissionais atuantes no mercado, em apenas um ano de existência a sala já realizou diversas sessões, mostras especiais e festivais de cinema. Mobilizando e atingindo um público cada vez maior, estimulando a circulação de artistas nacionais e possibilitando o contato com o cinema de pessoas que normalmente não teriam condições de pagar para frequentar uma sala de cinema comercial. A sala ainda precisa de algumas reformas, e um dos principais objetivos para o futuro do projeto é investir ainda mais na divulgação do mesmo, para que assim, os resultados a longo prazo sejam maiores do que já são. O cinema provoca sensações no público que ativam o pensamento, o choque muitas vezes provocado pelas imagens permite ao sujeito pensar o impensável, criando novas paisagens, fazendo-o sair de sua zona de conforto e, assim, ativando seu senso crítico sobre o mundo. As sessões de filmes que, de forma periódica e gratuita, não se enquadram no “cinema comercial”, revelam-se, então, como potência na formação estética e política do sujeito espectador (LANGIE, 2015).

4. CONCLUSÕES

O “complexo de vira-lata” é um problema grave difundido entre a sociedade, a hegemonia de distribuição dos *blockbusters hollywoodianos* causa prejuízo social (LANGIE, 2011). O público brasileiro poderia apreciar mais e valorizar a cultura nacional, se tivesse conhecimento da cinematografia nacional, principalmente em relação ao cinema mais artístico. Os filmes brasileiros precisam circular entre a população, o público precisa conhecer o que está sendo feito fora das comédias clichês distribuídas em grande escala por distribuidoras potentes, entrando em contato com formatos de maior variedade, diversidade e representatividade. A diversidade cultural e o reconhecimento das minorias começam a ser requisitos para que a globalização seja menos injusta e mais inclusiva (CANCLINI, 2009, p. 253). Desse modo, as salas independentes mostram potenciabilidade para minimizar o domínio do produto comercial, e estreitar esses muros entre o público e o cinema nacional, expandindo o horizonte dos espectadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LANGIE, C.: AS POTENCIALIDADES ESTÉTICAS E POLÍTICAS DO CINE UFPEL. **Expressa Extensão**. V. 20, n2, P. 117-127, 2015.

XAVIER, I.: CORROSÃO SOCIAL, PRAGMATISMO E RESENTIMENTO VOZES DISSONANTES NO CINEMA BRASILEIRO DE RESULTADOS. **CEBRAP 75 São Paulo**, 2006.

SANTOS, R.E.: 2 VEZES 5 VEZES FAVELA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DO CINEMA BRASILEIRO. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. vol.34 São Paulo**, 2011.

TRINDADE: A. D.: O DESCOBRIMENTO NO PENSAMENTO CINEMATOGRAFICO BRASILEIRO: DIÁLOGOS POSSIVEIS QUANTO À IDENTIDADE NACIONAL. **Lua Nova São Paulo**, 2010.

MENEZES, R. L. M. S.: ENTRE O BLOCKBUSTER E O CINEMA INDEPENDENTE: A DISTRIBUIÇÃO NAS SALAS DE CINEMA BRASILEIRAS E O CASO DE O SOM AO REDOR. **Intercom, XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2013.

SILVA, J. G. B. R. E.: ASSIMETRIAS, DILEMAS E AXIOMAS DO CINEMA BRASILEIRO NOS ANOS 2000. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, V. 18, n3, p. 916-932, 2011.

FABRIS, E. H.: CINEMA E EDUCAÇÃO: UM CAMINHO METODOLÓGICO. **Educação e Realidade**. V33, n1, P. 117-134, 2008.